UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO

MARIA AMÉLIA LIMA QUEIROZ

A VARIAÇÃO ENTRE *TER* E *HAVER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE PARICONHA

Delmiro Gouveia/AL
2019

MARIA AMÉLIA LIMA QUEIROZ

A VARIAÇÃO ENTRE *TER* E *HAVER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE PARICONHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção da graduação no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, em Delmiro Gouveia- AL.

Orientadora: Profa. Dra. Fábia Pereira da Silva

Delmiro Gouveia/AL
2019

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

Q3v Queiroz, Maria Amélia Lima

A variação entre ter e haver em construções existenciais na escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha / Maria Amélia Lima Queiroz. – 2019.

70 f.

Orientação: Profa. Dra. Fábia Perreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Ter e haver. 4. Fala e escrita. 5. Ensino médio. 6. Pariconha – Alagoas. I. Título.

CDU: 81’27

FICHA DE AVALIAÇÃO

Maria Amélia Lima Queiroz

A VARIAÇÃO ENTRE TER E HAVER EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE PARICONHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas, UFAL, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa, tendo como orientadora a Professora Doutora Fabia Pereira da Silva. Aprovado em ___/___/__

Fabia Pereira da Silva

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva -UFAL (ORIENTADORA)

Banca Examinadora:

Januacele Francisca da Costa

Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa– UFAL (EXAMINADORA INTERNA)

Aline dos Santos

Profa. Ms. Aline Santos– UFAL (EXAMINADORA INTERNA)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a minha família e em especial, a vovó Laura.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, que é o meu guia em todas as situações e melhor amigo;
a minha orientadora, Fábia Fulni-ô, por todo apoio e incentivo na elaboração deste trabalho;
a professora Elyne Vitório pelas primeiras orientações;
aos meus professores, que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para o melhor aprendizado, em especial ao professor Márcio Ferreira que mais que um professor também é amigo;
a minha instituição por ter me dado a chance e todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo;
a toda minha família, em especial aos meus pais José Carlos e Mirian e meus irmãos Jonas e Bárbara, por estarem sempre comigo me dando apoio em cada etapa da graduação e da vida;
ao Programa de Bolsa Permanência, pelo apoio financeiro;
ao Projeto de Extensão Recita Sertão por ter despertado em mim o gosto pela literatura, em especial por poesias;
ao projeto NELA – *Núcleo de estudos em Literatura Alagoana* – por todo saber compartilhado;
ao Coro do Sertão, onde compartilhei experiências, vivi grandes momentos e pude fazer ótimas amizades;
aos amigos de graduação Luizy, Marcel, Anilton, Diego, Erinaldo, Clerisvaldo e Maria Ariana, que se tornaram mais que especiais;
a Jaciane e a minha comadre Denise, pelo companheirismo e paciência de me ouvir a qualquer hora do dia;
a todas as pessoas que contribuíram de variadas maneiras para a minha formação como docente;
a todos, muito obrigada!

“Supor que as regras da língua são inventadas pelas gramáticas e impostas aos escritores e aos falantes seria como imaginar que um astrônomo define a órbita dos astros e que estes são obrigados a segui-la. (sob pena de serem reprovados ou considerados errados).”

Sírio Possenti

RESUMO

A presente pesquisa aqui apresentada parte do pressuposto de que há diferenças linguísticas entre as normas estabelecidas pela gramática normativa e os reais usos da língua. O objetivo principal desta pesquisa é analisar, à luz dos pressupostos teórico metodológicos da Teoria da Variação e Mudança linguística, o perfil de escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da escola Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha em relação ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que há uma preferência pelo "*ter*" em detrimento do "*haver*", sendo que essa predileção possivelmente tem relação com a comunidade e grupos aos qual pertencem esses alunos envolvidos na pesquisa. Foi utilizado o aporte teórico de Almeida (1999), Cegalla (1978), Vitório (2012), Labov (2008), Sacconi (2001) e Tarallo (2012), entre outros.

Palavras-chave: Construções existenciais. Língua escrita. Verbos Ter e Haver existenciais.

ABSTRACT

The present research presented here assumes that there are linguistic differences between the norms established by normative grammar and the actual uses of language. The main objective of this research is to analyze, in the light of the methodological theoretical assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change, the writing profile of students of the 3rd year of high school of the Pariconha State School of Basic Education in relation to the variable behavior of verbs. have and have in existential constructions. According to the results obtained, we find that there is a preference for "having" over "having", and this predilection is possibly related to the community and groups to which these students involved in the research belong. It was used the theoretical contribution of Almeida (1999), Cegalla (1978), Vitório (2012), Labov (2008), Sacconi (2001) and Tarallo (2012), among others.

Keywords: Existential constructions. Written language. Existential Haver and Haver Verbs.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2. FENÔMENO EM ESTUDO: *TER* E *HAVER* EXISTENCIAIS 15
2.1. *Haver* e *Ter*: Perspectiva Histórica 15
2.2 *Haver* e *Ter* em Gramáticas Tradicionais e Descritivas 18
2.2.1 As gramáticas tradicionais 19
2.2.2 As gramáticas descritivas 21
2.3. Estudos Sociolinguísticos 23
2.3.1 *Ter e haver* existenciais: variação na língua falada 23
2.3.2 *Ter* e *haver existenciais*: variação na língua escrita 24
3. APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO 26
3.1. Sociolinguística: Um Breve Percurso Através do Tempo 26
3.2.1 Objetivos e Hipóteses da Pesquisa 32
3.2.2 A Pesquisa Empírica 33
4. RESULTADOS DAS ANÁLISES 36
4.1. Discussão dos Resultados 36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 40
REFERÊNCIAS 42

1 INTRODUÇÃO

Conceber a língua como objeto social, heterogêneo e variável é saber que eia constitui a maior contribuição da Sociolinguística para os estudos da linguagem. Ao adotar essa concepção de língua, os estudos sociolinguísticos partem dos pressupostos de que há diferenças linguísticas entre as normas estabelecidas pela gramática normativa e os reais usos da língua, e de que a variação linguística não é aleatória, mas sim condicionada por restrições linguísticas e sociais.

Ao considerar a língua como um objeto social variável, a Sociolinguística se distancia dos modelos de ensino que adotam uma concepção abstrata e homogênea de língua e postula que o processo de ensino/aprendizagem deve levar em consideração todas as variedades sociolinguísticas e não apenas aquele padrão culto exclusivo da classe social de maior prestígio, sendo, portanto, tarefa da escola combater o preconceito linguístico e valorizar a diversidade linguística.

Dessa forma, ao observamos que, no português brasileiro, construções existenciais são comumente formadas com o verbo "*ter*" e que as aulas de Língua Portuguesa, em sua maioria, ainda utilizam como recurso único de trabalho a gramática normativa e o livro didático, que se restringem, quase que exclusivamente, à variedade padrão, objetiva-se, neste trabalho, fazer uma análise qualitativa, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança linguística, do perfil de escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha – E.E.E.B.P – em relação ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais.

A proposição aqui é não só mostrar que há um canal entre as descrições das construções existenciais com "*ter"* e "*haver*" postas na visão normativa e nas pesquisas sociolinguísticas, como também destacar a importância de estudos sociovariacionistas para o ensino de língua.

Para tanto, foi utilizado o aporte teórico da sociolinguística conforme apresentado em Almeida (1999), Cardoso (2013), Cunha e Cintra (2001), Cegalla (1978), Labov (2008), Sacconi (2001), Weinreich et al. (2006), Tarallo (2012) e Vitório (2010), entre outros.

O trabalho aqui apresentado está organizado da seguinte forma: Introdução do trabalho; no segundo capitulo, mostramos os verbos *ter* e *haver existenciais* em uma

visão histórica e como são abordados pela visão normativa e descritiva; no capítulo seguinte, são apresentados os pressupostos e conceitos da Sociolinguística, bem como do contexto histórico em que as bases da teoria foram elaboradas e a metodologia do trabalho, com os objetivos e a pesquisa empírica; no quarto capitulo é realizada a constituição e a discussão da pesquisa desenvolvida com os alunos do 3º ano do ensino médio da escola E.E.E.B.P. em relação ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, seguidas das considerações finais.

2. FENÔMENO EM ESTUDO: *TER* E *HAVER* EXISTENCIAIS

2.1. *Haver* e *Ter*: Perspectiva Histórica

Desde suas origens etimológicas que os verbos *haver* e *ter* caminham paralelamente. Estudos apontam isso desde o Latim até os dias atuais. Ao escrever sobre *haver* e *ter* no período do Latim Clássico, Sampaio (1978, p. 3) aponta que "os verbos **habere** e **tenere** tinham empregos paralelos, exprimindo os seus étimos claramente a ideia de posse.".

Segundo Vitório (2012, p. 18), *haver* é oriundo da forma latina *habere,* com acepções de "possuir", "obter", "manter", "reter", "segurar", "conter", e "deter", e o verbo *ter* vem da forma latina *tenere,* com valores próximos a "obter", "manter", "segurar", "conter", "deter" e "reter".

Ainda no Latim Clássico, os dois verbos se apresentavam em concomitância, indicando posse de coisas materiais e coisas espirituais.

(1) "Tantas **divitias habet:** nescit quid faciat auro".[1] [2]
(2) "vulneribus didicit miles **habere metum**". [3] [4]

De acordo com Sampaio (1978), *habere* é o verbo indicado com a noção principal de posse, porém, já em concorrência com o verbo *tenere.* Como vemos nos exemplos, em (1), *habere* aparece indicando posse de coisas materiais e, em (2), vem relacionando o sujeito com seu complemento, ou seja, indicando posse espiritual, a posse do sentimento "medo".

Nesse período, do Latim Clássico às Línguas Românicas, *habere* também ocorre como auxiliar na conjugação perifrástica e em construções existenciais, porém, sem evidências de ocorrências de *tenere* nesses contextos. "Em conjugação perifrástica, a forma flexionada do presente do perfectivo dos verbos transitivos é gradualmente substituída pela perífrase *habere* mais particípio passado, dando à

[1] Exemplos retirados de Sampaio (1978, p. 3).
[2] Ele tem tantas riquezas: que não sabe o que fazer com o ouro.
[3] Sampaio (1978, p. 3).
[4] O soldado aprendeu a temer de suas feridas.

sentença um aspecto de dever, obrigação". (VITÓRIO, 2012, p. 19), conforme observamos nos exemplos (4) e (5).

(3) "Quin in sanctis **habet jurare**, hoc jejunus faciat...". [5] [6]

(4) "Ipse enim, quia aegrotat, **habeo** eum **visitare**". [7] [8]

Como no Latim Clássico acontecia com *habere* e *tenere*, no português do século XIII, *haver* e *ter* continuam sendo utilizados para expressar posse de coisas materiais, sendo que *haver* desfrutava de maior preferência na língua, mantendo-se até o século seguinte, no qual, além da preferência de *haver* para posse de coisas materiais, começam a ocorrer construções com posse de coisas espirituais e em construções existenciais.

No início do século XIV, *haver* continua com preferência nas expressões possessivas, porém, ainda no mesmo século, começa um processo de enfraquecimento de sentido, dando mais espaço para o verbo *ter* em construções possessivas.

> A proximidade de suas acepções, associada às modificações por que a língua passa, fez com que o uso desses verbos começasse a ser confundido. Embora conscientes dos sentidos originais das duas formas, os falantes – como é comum em atividades linguísticas – foram ressignificando os vocábulos. Assim, *ter* penetrou, aos poucos, o campo das estruturas de posse, enquanto *haver* se difundiu como a forma inovadora das estruturas existenciais. (BATISTA, 2012, p. 21).

Sampaio (1978, p. 17) diz que os verbos *haver* ou *ter* mais particípio formam uma unidade correspondente a um passado composto, desta forma, perdem seu sentido possessivo convertendo-se a um simples auxiliar.

O esvaziamento semântico do verbo *haver* veio se completar no século XVI, trazendo condições para que o verbo *ter* penetrasse o campo das orações existenciais, antes exclusiva de *haver.*

Segundo Sampaio (1978):

---

[5] Sampaio (1978, p. 3).

[6] Quem jura nos santos, que faça este jejum...

[7] Sampaio (1978, p. 3).

[8] Pois ele mesmo, porque está doente, tenho que visitá-lo.

> A língua falada que evolui mais depressa que a escrita sentiu a necessidade de substituir totalmente **haver** por **ter**, pois o verbo **haver**, por ter-se esvaziado semanticamente, dificultava a comunicação. O verbo **haver,** de fato, confunde-se foneticamente no presente do indicativo com o artigo **a** e no perfeito com o verbo "ouvir". (SAMPAIO, 1978, p. 20-21)

No século XVII, o verbo *haver* vem perdendo expressividade, esvaziando-se do seu sentido possessivo; o verbo *ter*, por sua vez, toma o espaço nas orações de posse material e imaterial e continua suplantando *haver* nas construções dos tempos compostos, porém, nas orações existenciais *haver* continua a predominar sobre o *ter* que ainda era pouco usado.

No século seguinte, não se encontram mais construções possessivas com o verbo *haver;* no entanto, em construções existenciais, *haver* continua desfrutando da preferência, o verbo *ter* aparecendo apenas eventualmente.

(5) "Não **tem** remédio, hei de sentenciar-te". [9]

A construção de orações com o verbo *ter,* no sentido existencial, continua a aparecer em textos literários do século XIX, porém, o verbo *haver* prevalece. Sampaio (1978, p. 27) mostra alguns exemplos, em que as construções com o verbo *ter* eram mais do âmbito da língua falada, pois ocorrem mais em Contos populares do Brasil e em transcrição de fala de personagens, também com influência popular, como em Machado de Assis:

(6) "Tem lá muita gente." (Machado de Assis - *D. Casmurro* - pág. 351 apud Antenor Nascentes *Linguajar Carioca*).

Sampaio (1978), comenta que no português do Brasil, em meio aos séculos XIX e XX, o uso do verbo *ter* predominava em todas as construções, exceto nas orações existenciais, enquanto o verbo *haver* já não aparece mais em estruturas possessivas.

É no século XX, quando o modernismo passa a enaltecer conscientemente os elementos criativos da língua corrente, que as orações existenciais com o verbo *ter* entram definitivamente na língua escrita.

---

[9] Sampaio (1978, p. 24).

As construções existenciais com o verbo *ter* surgem definitivamente na língua escrita a partir do século XX. Isso se dá pela valorização que o movimento modernista deu aos elementos da língua falada. Nessa época, *haver* não existe mais em construções possessivas e praticamente não é mais usado em orações existenciais, como podemos observar os exemplos abaixo:

(7) “Aqui **tem** um anjo que se chama Arranjo”. (Cassiano Ricardo).
(8) “Disse vai e ver se **tem** fogo”. (Manoel Bandeira)
(9) “E **tem** coisas que só mesmo entre dois se percebem”. (Mário de Andrade).
(10) “No meio do caminho **tinha** uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra [...]”. (Carlos Drummond de Andrade).

Segundo Batista (2012):

> Aos poucos, *ter*, que já predominava como verbo de posse, começa a dividir com *haver* a significação existencial. Os dois verbos permanecem em variação até hoje, com predominância deste na escrita e daquele na fala, principalmente dos indivíduos mais jovens. (BATISTA, 2012, p. 22).

Dessa maneira, é notável que desde o latim clássico esses dois verbos caminham simultaneamente. Com a perda da força expressiva do verbo *haver*, a língua recorreu ao verbo *ter*, que foi aos poucos substituindo *haver*, primeiro em construções de posse, construções de tempos compostos, até apropriar-se de outros contextos, como é o caso do existencial.

2.2 *Haver* e *Ter* em Gramáticas Tradicionais e Descritivas

Trazer uma leitura das gramáticas é de fundamental importância para que possamos tomar conhecimento da norma e das reflexões feitas sobre a língua ao longo do tempo. Além de possibilitar acesso às reflexões linguísticas, as gramáticas, junto a outros documentos, formam uma excelente fonte de dados, principalmente para o ensino de Língua Portuguesa.

2.2.1 As gramáticas tradicionais

As gramáticas tradicionais são vistas como um guia de bom uso da língua, definidas como um manual que orienta a “falar e escrever bem”. Nesses manuais, a língua é fundamentada no uso consagrado pelos grandes escritores da literatura, assim, baseando-se principalmente na concepção do “certo” e “errado”.

Ao escrever sobre as gramáticas de cunho tradicional, Vitório (2012) comenta:

> É sabido que o termo “gramática” possui várias acepções dentre as quais está a de gramática normativa, que é vista como um manual que contém as regras de bom uso da língua a serem seguidas por todos aqueles que desejam se expressar “corretamente”. Essa gramática é entendida como uma espécie de lei que regula os usos da língua em uma sociedade, pois apenas prescreve o que pode e o que não pode ser dito pelos falantes. É um conjunto de normas para se falar bem. (VITÓRIO, 2012, p. 29).

Para essa pesquisa, foram utilizadas as gramáticas de Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2006). Em suas composições, ao falar sobre os verbos *ter* e *haver,* percebemos alguns pontos em comum, como também alguns tópicos que foram mais explorados, a exemplo de Cunha e Cintra (2008) que dedicam um tópico especial para o verbo *haver* nomeado de “*Sintaxe do verbo haver*”.

Ao escrever sobre o verbo *haver,* Cunha e Cintra (2008) apresenta diversas significações, entre elas, verbo auxiliar com acepção de “ter”, *haver* como verbo principal, tendo significação de “conseguir”, “obter”, “alcançar”, “adquirir”, bem como, em forma reflexiva, nas acepções de “postar-se”, “proceder”, “comportar-se”, “conduzir-se”, como também, em expressões impessoais, com sentido de existir ou nas indicações de tempo.

Cegalla (2008) comenta sobre os verbos *ter* e *haver* na formação de tempos compostos, que ocorrem quando são seguidos do particípio do verbo principal, formam a voz ativa e quando simultâneo com o verbo “ser” seguido de particípio, formam a voz passiva, como também, nas locuções verbais.

Cunha e Cintra (2008) afirmam que o verbo *haver,* quando indicando posse, pode ser usado em todas as pessoas e, é usado somente na 3ª pessoa do singular quando atua como verbo impessoal, indicando existência ou tempo decorrido. Os autores ainda destacam que, não tendo o sujeito, os verbos impessoais são invariavelmente usados na terceira pessoa do singular, realçando que o verbo *haver na acepção de existir* é um verbo impessoal.

Por outro lado, Bechara (2006) aponta que os verbos e expressões impessoais (salvo, em alguns casos o verbo “ser”) apresentam-se, na língua exemplar, sempre na 3ª pessoa do singular. Dessa maneira, são evitadas construções com o verbo no plural. Ao trazer os verbos no sentido existencial, o autor traz os verbos *haver* e *ser*, a exemplo:

(11) “*Há* bons livros”.[10]

(12) “*Eram* vinte pessoas no máximo”. [11]

Cunha e Cintra (2008, p. 144), trazem um breve comentário, expressando que, na linguagem coloquial do Brasil, “é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver”*, tendo como exemplo:

(13) “Hoje *tem* festa no brejo!”. (Carlos Drummond de Andrade).

(14) “Em Pasárgada *tem* tudo, é outra civilização…”. (Manoel Bandeira).

Dessa forma, observamos que, de acordo com a tradição gramatical, o uso existencial dos verbos, quando comentado, é apenas para evidenciar a impessoalidade do verbo *haver* (em alguns casos *ser*) e criticar a flexão inapropriada do verbo. Quanto ao verbo *ter existencial,* quase não é mencionado e, quando mencionam é para mostrar a impropriedade do verbo ou que há alguns casos de uso produzidos na língua falada.

No entanto, ao trazer a forma verbal *ter existencial* como uso reduzido a língua falada, podemos entender como um indício de que as *orações existenciais* com o verbo *ter* sejam preferência na linguagem coloquial. Pois, conforme Carvalho (2004), a introdução de uma forma variável em manuais normativos indica que essa forma é amplamente utilizada pelos falantes cultos da língua. Assim, o uso de *haver* como o “correto” representa preconceito contra a língua popular.

Vitório (2012) comenta que:

[10] Exemplos retirados de Bechara (2006, p. 20).

[11] Bechara (2006, p. 20).

> [...] a postura normativa de eleger o verbo *haver* como o "certo" não só acaba incorrendo em preconceito contra a língua dita "popular", considerada aqui como incorreta, uma vez que se distancia do padrão escrito formal, como também nega aos usuários da língua a informação da existência da forma *ter existencial*, que é amplamente utilizada pelos falantes em diferentes contextos sociais. (VITÓRIO, 2012, p. 33).

Diante disso, compreende-se que a postura normativa nega aos usuários da língua a informação de *ter existencial,* que é o modo mais usado entre os falantes em diversas situações sociais.

2.2.2 As gramáticas descritivas

As gramáticas descritivas têm por objetivo explicar a língua realmente utilizada pelos falantes, fugindo das concepções do "certo" e do "errado" ou da "língua ideal". Dessa maneira, Duarte e Serra (2015) explicam que a finalidade da gramática descritiva é descrever as observações linguísticas, mostrando os fatos reais da língua, assim, deixando de lado o caráter normativo.

Nessa seção, para refletir sobre o comportamento dos verbos *haver* e *ter* com acepção de existir, consultamos as gramáticas de cunho descritivo de Faraco (2009), Kato e Nascimento (2009) e Perini (2010).

Ao falar sobre os verbos existenciais, Faraco et al. (2009) reflete sobre a impessoalidade do verbo *haver* quando no sentido existencial, e, ao observar a linguagem coloquial no Português do Brasil – PB, coloca que o verbo *haver* existencial, muitas vezes, é substituído pelo verbo *ter* e, mesmo assim, a oração com o verbo *ter* ainda permanece sem sujeito, como em (22) e (23).

(15) Cerca de 40% dos turistas de Curação são holandeses, trazidos de Amsterdã por voos diários. *Há* também muitos canadenses e americanos.

(16) [...] *tem* também muitos canadenses e americanos.

Ao refletir sobre esses dois verbos, Kato e Nascimento (2009) colocam que as ocorrências de orações existenciais com o verbo *ter* são bem maiores que com o verbo *haver,* considerando que, na fala do português brasileiro, isso é um fato muito comum a língua.

Em seção dedicada aos verbos “inacusativos”, Kato e Nascimento (2009, p. 119) comentam que os verbos existenciais *haver* e *ter*, mostram certa tendência a ocasionar a concordância verbal, particularmente quando aparecem no pretérito imperfeito e perfeito, tomando seu argumento interno como sujeito. Como podemos observar nos exemplos:

(17) Tinha *uns cinemas ótimos*. [12]

(18) Não haviam *subsídios* para auxiliar... [13]

(19) Começaram a haver *alguns enganos.* [14]

Ao falar sobre o verbo *ter* Perini (2010, p. 80) diz que “(...) no significado de ‘apresentação de existência’ *ter* (e, quando usado, haver) nunca tem sujeito.”. Por outro lado, Kato e Nascimento (2009) trazem, no capítulo intitulado como “As sentenças existenciais com *ter* e *haver*”, que o uso do *ter* impessoal e também o uso pessoal são tendências presentes no PB, a exemplo de:

(20) Olinda tem desenvolvido essas festas populares. Em Olinda **você** *tem* ciranda. A ciranda é cantada durante o verão em toda Olinda. Isso é uma beleza.[15]

Para justificar as sentenças pessoais com *ter*, Kato e Nascimento (2009), mostram que a preferência do uso de *ter* sobre *haver* favorece a implementação de uma estrutura que permite evitar a posição vazia de sujeito, complementando que “[...] as sentenças com *ter* pessoal exibem um claro sentido existencial. Os pronomes utilizados são os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado, predominando o uso de *você, nós, a gente* e *eu*.” KATO E NASCIMENTO (2009, p. 149).

Contrapondo com as ideias das gramáticas normativas, percebemos que existem diferenças relevantes em relação ao uso dos verbos *ter* e *haver*. Por um lado,

[12] Kato e Nascimento (2009, p. 119).
[13] Kato e Nascimento (2009, p. 119).
[14] Kato e Nascimento (2009, p. 120).
[15] Exemplo retirado de Kato e Nascimento (2009, p. 149).

a gramática normativa está preocupada em ditar as regras, por outro, a gramática descritiva considera as situações reais de uso da língua.

2.3. Estudos Sociolinguísticos

Diversas pesquisas buscam investigar o uso dos verbos *ter* e *haver* existenciais, tanto na fala quanto na escrita, como esses verbos se comportam e quais são os fatores que colaboram para o uso variável desses verbos.

Desse modo, introduzir-se-á uma revisão de trabalhos sobre a variação dos verbos *ter* e *haver* existenciais na língua falada e na língua escrita, em que alguns linguistas como AVELAR, 2006; CALLOU & AVELAR. 2007 e VITÓRIO, 2010 e 2012 realizam estudos em busca de respostas para a explicação desses fenômenos, analisando fatores, como escolaridade, sexo, faixa etária, etc.

2.3.1 *Ter e haver* existenciais: variação na língua falada

De acordo com Silva (2001), os verbos *ter* e *haver* são dois verbos que desde o latim clássico caminham paralelamente. Devido à crescente perda da força expressiva de *haver*, a língua recorreu ao verbo *ter*, que o foi substituindo gradualmente, até usurpar-lhe todas as funções. [...]. A língua não iria manter o inexpressivo *haver*, tendo o sonoro *ter* que lhe era afim (SILVA, 2001, p. 32).

Neste subitem, apresentamos uma breve exposição dos estudos sociolinguísticos sobre a variação nos verbos *ter* e *haver* existenciais na língua falada. Para tanto, descrevemos um pouco sobre a discussão que envolve a língua falada no tocante aos verbos supracitados.

Por se tratar de um fenômeno linguístico variável não estigmatizado, o uso da variante *ter* em lugar da variante *haver* para expressar a existência de alguém ou de alguma coisa não é marcado socialmente, pois é comum encontrarmos falantes de diferentes níveis de escolarização e de várias classes sociais fazendo uso da variante inovadora *ter* existencial, sem causar preconceito linguístico.

Segundo Vitório (2010)

> [...] é possível perceber não só que há um alto percentual de uso do verbo *ter existencial* na norma culta do Português falado no Brasil, como também que tal norma está se rendendo à mudança em direção ao uso do verbo *ter*,

> contrariando, dessa forma, a visão normativa que aceita apenas o uso do verbo *haver* nesse contexto. (VITÓRIO, 2010, p. 55).

A saber, em muitas amostras de linguagem coloquial o verbo *ter,* nas orações existenciais, é o preferido dos falantes. No entanto, a realização de *ter* existencial quase não é mencionada nas gramáticas normativas, ou quando mencionada sua utilização se restringe à "língua popular", embora o uso dessa variante, na Língua Portuguesa, date do século XVI, conforme aponta Silva (2001).

Avelar (2006), aponta que

> A variação ter/haver mostra sensibilidade à faixa etária e ao nível de escolarização do falante, bem como ao tipo textual em que a sentença existencial é realizada. Observando os condicionamentos na fala, os dados revelam que, quanto mais velho o falante, menor o percentual de uso de ter, tanto na amostra do NURC quanto na do PEUL. (AVELAR, 2006, p. 109).

No que se refere ao uso desses verbos, o autor aponta que *haver* é a variante de prestígio, sendo a forma preferida na língua escrita, mesmo não havendo nenhum estigma para o uso de *ter.* Porém, Avelar (2006) ainda salienta que o uso do verbo *ter* existencial na língua escrita seja condicionado pela necessidade de reproduzir elementos comuns a oralidade.

2.3.2 *Ter* e *haver existenciais*: variação na língua escrita

Com a pressão da gramática normativa, a língua escrita se torna mais monitorada que a falada, nota-se que o verbo haver existencial é o verbo canônico. Contudo, mesmo a gramática tendo o verbo *haver* como verbo canônico, o verbo *ter* ainda aparece em construções existenciais na língua escrita, a exemplo das pesquisas de Vitório (2010, 2012) e Avelar & Callou (2007).

Vitório (2010), ao estudar a escrita escolar de alunos do ensino fundamental, observou que o verbo *ter* aponta maior presença em oposição ao verbo haver, porém, com o aumento do nível de escolarização, percebe-se o aumento do uso de *haver existencial.*

Avelar e Callou (2007), explicam:

> Com base em dados de língua oral e escrita extraídos de documentos produzidos entre 1980 e 2005, bem como explorando juízos de (a)gramaticalidade, sugerimos que a variação entre ter e haver é

> desencadeada pela “alimentação” da gramática periférica no processo de escolarização (em oposição à gramática nuclear, construída no processo natural de aquisição da linguagem. (AVELAR E CALLOU, 2007, p. 2).

Segundo os autores, os dados de pesquisa, entre *ter* e *haver* existenciais, evidenciam que essa variação é diametralmente oposta na língua falada e na língua escrita, já que, na língua falada, *ter* é realizado em 87% das construções existenciais levantadas, não passando de 14% nos dados de língua escrita.

Vitório (2012), argumenta que

> Tais resultados são explicados pelo fato de o verbo haver ser uma variante de prestígio, sendo, por isso, a forma preferida na língua escrita, ao passo que o uso de ter existencial justifica-se apenas pela necessidade de se inserir, entre os textos escritos, elementos comuns da oralidade, tendo em vista que as ocorrências de ter aparecem, preferencialmente, na elaboração de diálogos entre narrador e personagem. (VITÓRIO, 2012, p. 41).

Os autores, Vitório (2012) e Avelar e Callou (2007), justificam a presença do verbo *ter* em orações existenciais apenas pela necessidade de se inserir elementos comuns à oralidade, como é o caso em (29), no qual, os personagens estão em uma conversa informal; assim, *ter* é usado por uma necessidade de aproximação ao leitor.

(21) Em budapeste ela não conhecia ninguém, *tem* loja de departamentos em budapeste? Não sei, deve *ter* confeitarias, excelentes museus. (Chico Buarque, p.42).[16]

Mesmo existindo uma frequência no uso de *ter existencial*, o uso de *haver existencial,* por ser a variante conservadora, ainda é mais frequente na língua escrita, dessa maneira, a variante *ter* aparece com mais frequência em discursos informais ou em textos de alunos com um nível de escolaridade menor.

[16] Exemplo retirado de Vitório (2012, p. 41).

3. APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO

3.1. Sociolinguística: Um Breve Percurso Através do Tempo

O termo “Sociolinguística” apareceu pela primeira vez em 1953, num trabalho de Haver C. Currie. O estudo dessa disciplina desenvolveu-se nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, e o interesse despertado pela pesquisa deve-se: a. à grande divulgação dos estudos de comunicação, b. à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade e c. à divulgação dos estudos de Sociologia e Linguística.

O ano-chave para o surgimento da Sociolinguística nos Estados Unidos é 1964, com a publicação de livros de Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright em Los Angeles. Segundo Bell (1976, p. 28 apud ELIA, 1987, p. 65): “[...] a Sociolinguística (distinta da Sociologia da Linguagem) estaria enriquecida com dados de natureza social, o que lhe permitiria ir além da frase, no sentido de uma gramática da interação falante/ouvinte.”

A Sociolinguística enfrenta o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua na sua modalidade oral e/ou gestual. Podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana (Tarallo, 1982).

Entre sociedade e língua não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação ou associação, começamos a formular nossas mensagens. Sons, gestos e imagens cercam a vida do homem moderno, compondo mensagens de toda ordem, transmitidas pelos mais diferentes canais. Em todos, a língua desempenha um papel fundamental, seja ela visual, oral ou escrita.

Desse modo, a corrente Sociolinguística, iniciada na década de 60, buscava desenvolver uma nova concepção do estudo da Linguística. A Sociolinguística ocupava uma posição central no processo de rompimento com a visão estruturalista da época. Isso fez com que a Sociolinguística se tornasse uma das candidatas à sucessão do Estruturalismo como modelo hegemônico da ciência Linguística. A partir

dessa contradição, surge não apenas a Sociolinguística, mas também outras duas correntes ou programas de pesquisa: a Etnografia da Fala e a Sociologia da Linguagem, capitaneadas respectivamente por Dell Hymes e Joshua Fishman.

Hymes destaca a importância da diversidade que caracteriza a dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico dentro do seu programa de pesquisa; ao passo que Fishman enfatiza a interação entre língua e sociedade. Sendo que nessas duas correntes a língua deve ser entendida como forma verbal e comunicação social, institucionalizada por uma comunidade de usuários. De forma geral, essa nova disciplina tenta dar conta da dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico, ou seja, dos fatos concernentes à variação e à mudança Linguística e à interação entre a língua e a sociedade.

Assim, atribui-se à Sociolinguística o estudo das relações entre língua e sociedade. Aqui, língua deve ser entendida como um sistema de vários níveis integrados num todo historicamente estruturado. A Sociolinguística se ocupa do estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos das línguas.

Foi William Labov que voltou a estudar a relação entre língua e sociedade e na posição, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. É William Labov quem inaugura os estudos desta nova disciplina em 1963, quando analisa o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA).

Labov inaugura uma vertente de estudos de orientação anti-saussuriana, ou seja, contrária à corrente dominante e que deu origem ao Curso de Linguística Geral. Assim, ao invés da langue - língua, como fez Saussure, Labov centra seus estudos na parole- fala/uso. E ainda enfoca o estudo da fala/uso de um ponto de vista social e não individual.

A língua então funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signo, pela associação de significantes sonoros e significados arbitrários, processando, assim, a comunicação Linguística. Preti (1977, p. 2) afirma que a sociedade não é possível a não ser pela língua; e pela língua também o indivíduo.

Para a Sociolinguística, toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, as quais são identificadas e analisadas por meio de pesquisas de campo, em que o sociolinguista registra,

descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, relacionando essas variações com fatores sociais, numa tentativa de identificar qual fator ou grupo de fatores é o responsável por determinada variação.

Ao descartar a variação como uma propriedade da fala, estranha ao sistema da língua, o Estruturalismo se tornou incapaz de dar uma solução teórica para o fato empírico da mudança linguística. Essa contradição entre sistema e mudança cria um dos pontos de ruptura epistemológica, no qual emerge, na década de 1960, o Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista, que se baseia nas seguintes assunções[17]:

> (i) A língua funciona enquanto muda. (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada. (iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis. (iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança). (v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua. (vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua.

As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas". Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, no caso d*a variável aplicação da regra de concordância nominal*, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as *variáveis explanatórias ou independentes*.

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sócio-cultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema

[17] WEINREICH et al. 2006 [1968]

linguístico e não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (2003, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delineia sistemática e previsível".

A concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico: "o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social." (LABOV, 1982, p. 18)

No entanto, em seu texto programático, a Sociolinguística também afirma que o sistema heterogêneo é uma expressão da competência linguística, pois a variação não se restringe a um fato do desempenho, ou seja, da fala: "nós defenderemos que o comando nativo das estruturas heterogêneas não é matéria de multidialectalismo ou de “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue." (WEINREICH et al. 2006 [1968], p. 36). Essa posição cambiante entre os padrões coletivos de comportamento linguístico da comunidade de fala e a competência linguística do falante individual define o que vamos denominar aqui primeiro grande impasse teórico com que se tem debatido o modelo da Sociolinguística Variacionista, ao longo dos quase cinquenta anos de sua existência.

O sistema heterogêneo de regras variáveis é muito mais uma formalização analítica dos padrões coletivos de comportamento linguístico do que a representação da competência linguística, como bem observou Romaine (1982, p. 251):

> ‘Saber’ inglês, por exemplo, não pode ser equiparado com saber as probabilidades ou hierarquias de efeito de diferentes contextos associados com regras na gramática. Nós podemos formular leis estatísticas sobre a probabilidade de ocorrências em uma língua e mesmo assim não sermos capazes de entender qualquer coisa que seja dita. Eu não me acho capaz de acreditar que o conhecimento de uma língua pode ser separado do papel que ele desempenha na compreensão. Eu não estou afirmando que Labov negue a existência desse tipo de (ou parte da) competência, mas simplesmente que não há qualquer coisa no conceito de regra variável que nos capacite a dizer coisas interessantes sobre esse aspecto da competência. (ROMAINE, 1982, p. 251).

Nesse sentido, pode-se afirmar que efetivamente a Sociolinguística não conseguiu formalizar uma solução que supere a antinomia defendida por Saussure de que a pergunta sobre como a língua funciona é incompatível com a pergunta como a língua muda. Entende-se que o caminho para essa superação passa pela efetiva

consideração dos mecanismos da competência linguística no condicionamento dos processos de variação e mudança, o que é admitido por qualquer sociolinguista razoavelmente consciente dos desafios que se colocam para o seu programa de pesquisa:

> [...] qualquer teoria não-categorial consistente, tal como a teoria da variação linguística, deve incorporar – ou ao menos ser coerente com e não contradizer – as propriedades gerais da competência linguística que emergiram com admirável clareza no paradigma chomskiano. Com "propriedades gerais", eu me refiro à linguagem como uma faculdade mental, inata e especificada para a espécie, que, quando estimulada pela experiência social, cria uma gramática por meio da marcação de parâmetros em princípios universais, que podem em alguma medida ser estruturalmente determinados e, dessa forma, ser independentes de princípios cognitivos não linguísticos. (CHAMBERS, 1995, p. 29)

Contudo, declarações como essas, até o momento, não são mais que um gesto retórico sem qualquer implicação para desenvolvimento teórico do modelo. A má vontade com os princípios universais de uma faculdade inata da linguagem fica evidente nesta passagem do balanço dos Empirical Foundations feito por Labov (1982, p.12):

> A busca por uma restrição estritamente "universal" é, portanto, uma busca por uma faculdade da linguagem isolada, que não está encaixada na matriz mais ampla da estrutura linguística e social. Nada do que nós descobrimos até agora sobre a linguagem sugere a existência de tais estruturas totalmente isoladas. (LABOV, 1982, p. 12).

O que fica evidente é que se faz necessária uma solução qualitativa para o problema, o que mais uma vez dependeria de uma teoria consistente da competência linguística que incorpore os processos de variação e mudança. Ou seja, a superação do impasse estaria na articulação entre a Teoria da Gramática e a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Lucchesi e Ribeiro (2009) destacam que uma tentativa nesse sentido foi empreendida na virada da década de 1980 para 1990 por iniciativa de Fernando Tarallo e Mary Kato, mas não teve continuidade, em grande medida em função da morte prematura de Tarallo. Embora muitas análises gerativistas se apoiem na quantificação de dados extraídos de situações reais de interação verbal e algumas análises variacionistas busquem inspiração na teoria da gramática para definir suas

variáveis explanatórias, a síntese dos dois modelos ainda é um dos grandes desafios que se colocam para a teoria linguística, e sua superação está longe de ser alcançada.

O iniciador do modelo aqui apresentado é o americano William Labov, “que o propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 1985, p. 7) e que veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

3.2 Metodologia do Trabalho

Nesta pesquisa serão analisadas as realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha – E.E.E.B.P – com o objetivo de descrever como essa variação ocorre.

Ao partirmos do pressuposto de que a variação *ter/haver* existenciais na comunidade em estudo ocorre em função de condicionamentos linguísticos e sociais, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (WEINREICH et al. 2006; LABOV, 2008), que trata da variação e da mudança linguística e contempla os usos variáveis da linguagem em seu contexto social, conforme já apresentado na seção precedente.

Aqui será apresentado o estudo do comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na escrita é que se duas formas verbais – *ter* e *haver* – codificam uma única função – a função de expressar existência – então podem ser vistas, dessa forma, como variantes de uma mesma variável, sendo possível seu estudo no escopo da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

A metodologia utilizada na teoria laboviana para dar conta da variabilidade linguística é quantitativa, ou seja, envolve números, probabilidades e estatísticas, e é devido ao fator quantitativo que o pesquisador sociolinguista apreende a sistematicidade da variação linguística. Para tal empreendimento, é preciso coletar dados de uso real da língua, uma vez que o objetivo básico da sociolinguística variacionista é a sistematização do “caos” linguístico através do estudo da língua em seu contexto social, em situações reais de uso.

Nesse sentido, Labov afirma que

> [...] nosso objetivo é observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo observadas. Todos os nossos métodos envolvem uma aproximação a esse objetivo: quando fazemos uma abordagem a partir de duas direções diferentes e obtemos o mesmo resultado, podemos ter certeza de que conseguimos vencer o paradoxo do observador no sentido de que a estrutura existe independentemente do analista. (LABOV, 2008 [1972], p. 83).

3.2.1 Objetivos e Hipóteses da Pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa é analisar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança linguística, o perfil de escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da escola E.E.E.B.P. em relação ao comportamento variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais. Para tanto, realizamos uma análise qualitativa com textos produzidos por esses alunos, com a intenção de responder às seguintes questões:

1. Há variação *ter existencial* e *haver existencial* na escrita do 3º ano do ensino médio da E.E.E.B.P.?

2. Supondo que haja variação, como essas formas verbais ocorrem na comunidade estudada?

Como respostas provisórias às questões acima elaboradas, propomos as seguintes hipóteses:

1. Sendo a língua um fenômeno heterogêneo e dinâmico, acreditamos que há variação entre *ter* e *haver*, em construções existenciais, na escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da Escola E.E.E.B.P.;

2. Mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado e, por isso, menos favorável ao uso de variantes inovadoras, ainda acreditamos que o verbo *ter existencial* ocorra na escrita dos alunos da comunidade estudada.

Para confirmar ou refutar as hipóteses acima, apresentamos os objetivos específicos que norteiam está pesquisa:

1. Verificar se há variação dos verbos *ter* e *haver existenciais* na escrita de alunos do 3º ano do ensino médio da escola E.E.E.B.P.;

2. Analisar se as variáveis independentes tempo verbal e sexo/gênero condicionam a variação em estudo.

3.2.2 A Pesquisa Empírica

Como não é possível compreender o processo de variação e de mudança linguística fora do contexto social de uma comunidade de fala, tendo em vista que, para a sociolinguística variacionista, a língua é uma forma de comportamento social, ou seja, "a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social)" (COAN; FREITAG, 2010, p. 175), e, dessa forma, o objeto da linguística deve ser o "estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala" (LABOV, 2008, p. 216), não só selecionamos, após a delimitação de nosso objeto de estudo, uma comunidade de fala alagoana para analisar as realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, como também assumimos a definição de comunidade de fala proposta por Labov (2008).

> A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos lingüísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008, p. 150).

Ao selecionarmos a alternância dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais como objeto de estudo e a comunidade de fala alagoana para a análise das realizações dessas formas verbais, partimos do pressuposto de que "[...] existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão" (LABOV, 2008, p. 176), delimitando, assim, a que tipo de comunidade de fala pertence um indivíduo.

Labov (2008), considera as pesquisas sociolinguísticas de cunho essencialmente qualitativo distintas do projeto sociolinguístico que ele propôs, porém,

Cardoso (2013) demonstra que o enfoque metodológico depende da pergunta de pesquisa.

> A investigação clássica de Labov (2008, p, 19-62) sobre a mudança sonora em uma ilha de Massachussets, Estados Unidos, apresenta-se como um exemplo de pesquisa com design quali-quanti. [...] Para entender o fenômeno, o pesquisador lançou mão de artefatos quantitativos. (CARDOSO, 2013 p. 151-152).

A sociolinguística variacionista, aquela que tem em Labov seu maior expoente, é hoje a principal referência teórica acerca de questões relativas à variação linguística. Embora essa ciência adote uma metodologia que articula fatores linguísticos e sociais com o objetivo precípuo de explicar a mudança linguística, os resultados das pesquisas orientadas pelo modelo laboviano se tornaram referências para orientar o discurso acadêmico nos debates que envolvem a padronização linguística no Brasil.

Conforme Calvet (2002), o termo sociolinguística é bastante recente e foi cunhado para se referir às perspectivas conjuntas que linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as relações entre linguagem e sociedade e, especialmente, sobre a relação entre contexto social e diversidade linguística. Dessa forma, a Sociolinguística é marcada por uma heterogeneidade original e pode ser vista, dentro dos estudos linguísticos, como o ponto de partida de novas correntes e orientações de pesquisas centradas no fato do fenômeno linguístico relacionado ao contexto social e cultural, situando seus estudos na corrente linguística de base funcional.

> [...] a sociolinguística só podia se constituir de modo coerente pela recusa da cisão instituída pelo estruturalismo entre um “instrumento de comunicação”, a língua, e suas condições de realização. A solução que propusemos consiste em inverter a abordagem do problema e em dizer que o objeto de estudo da lingüística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico. (CALVET, 2002, p, 158).

Labov (2008) não só classifica os estudos linguísticos em dois grupos, a saber, grupo “social” e grupo “associal”: o primeiro põe ênfase na importância da diversidade linguística e procura explicar os fenômenos linguísticos através de fatores linguísticos e sociais, e tem como representantes linguistas como Whitney, Schuchardt, Meillet, Vendreys, Jespersen e Sturtevant, ao passo que o segundo toma a comunidade como homogênea e exclui todo o estudo que leva em consideração o comportamento social e tem como representantes linguistas como Saussure, Herman Paul, Sweet,

Troubetzkoy, Bloomfield, Hockett, Martinet, Chomsky e Halle, como também situa os estudos sociolinguísticos dentro do grupo social.

4. RESULTADOS DAS ANÁLISES

Neste capítulo, realizamos a análise da pesquisa desenvolvida com alunos do 3º ano do ensino médio da escola E.E.E.B.P.. Para tanto, realizamos uma análise qualitativa das variantes *ter* e *haver* no sentido existencial.

4.1. Discussão dos Resultados

A presente pesquisa desenvolveu-se com alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, escola situada na cidade de Pariconha, no Estado de Alagoas. Foi executada no final do segundo semestre de 2018, com a colaboração da professora Ivania que ministra as aulas de Língua Portuguesa. Teve total consentimento da Professora Entrevistada (em apêndice consta o termo de consentimento livre esclarecido devidamente assinado).

No dia 04 de dezembro de 2018, a pesquisadora e a professora passaram um filme chamado “Festa da Salsicha” e no dia seguinte, 05 de dezembro foi solicitado que os alunos escrevessem um relato do filme que ficaria em posse da pesquisadora.

A quantidade total de textos foi de 22 produções escritas, entre as quais 11 foram escritas por alunos do sexo masculino e 11 por alunos do sexo feminino. A faixa etária dos discentes é de 17 a 20 anos, com renda familiar entre 400,00 reais e 2 salários mínimos. A maior parte desses alunos, 70%, vivem da agricultura familiar.

Para a descrição e análise dos dados, utilizamos uma amostra composta por 22 produções textuais produzidas pelos alunos supracitados.

Ao fazermos a pesquisa ficou acordado com a professora que não iriamos expor os nomes do discentes, assim, para especificar que a produção foi escrita por um aluno do sexo masculino do 3º ano do ensino médio usaremos a sigla (PAM3M) e para identificar as produções de alunas do sexo feminino do 3º ano do ensino médio usaremos (PAF3M).

Ao selecionarmos a alternância dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais como objeto de estudo, partimos do pressuposto de que pode haver variações entre a preferência pelo uso na escrita desses verbos que varia de sujeito para sujeito. Todavia é possível admitir também que “[...] existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros

da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão" (LABOV, 2008, p. 176), delimitando, assim, a que tipo de comunidade de fala pertence um indivíduo.

> Há, pois, uma pressuposição de que o comportamento linguístico dos indivíduos cujo discurso examinamos reflete regularidades ligadas ao fato de que aderem às normas de seus respectivos grupos sociais; é nesse sentido que os resultados do estudo do comportamento de certo número de indivíduos (a amostra) são generalizados para os grupos sociais aos quais eles pertencem (e representam). (GUY; ZILLES, 2007, p. 109).

Em nossas analises, partimos do pressuposto que "a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas" (VOTRE, 2003, p. 51), porém, os dados obtidos parecem indicar que estamos diante de uma mudança na fala que causa efeitos na escrita, mostrando que, nesta modalidade de uso da língua, há um embate entre a gramática que falamos e a gramática que nos serve de modelo no processo de letramento, uma vez que houve preferência na escrita dos alunos pelo uso do verbo *TER* em detrimento do verbo *HAVER*, comum na escrita.

Na escrita, temos um conflito entre o que se fala e o que se aprende na escola, o que nos remete à discussão de Duarte (2013, p. 15) de que a escrita brasileira "é uma mistura de traços da gramática lusitana [...] somada a traços do português brasileiro que se implementam aos poucos na escrita, substituindo ou competindo com formas conservadoras".

Bagno (2008) afirma que atualmente, é nas escolas que podemos notar uma ocorrência mais acentuada desse fenômeno, principalmente nos anos iniciais de escolaridade, uma vez que os estudantes trazem uma bagagem linguística bem mais recheada dessas variedades, e é nessa fase que se tem o primeiro contato com a língua padrão. É nesse período que o docente se vê em conflito com seu saber e sua prática, realizando intervenções que podem ser desrespeitosas e preconceituosas em relação às variações linguísticas. É necessário que esses docentes possam entender que falar diferente da norma considerada "padrão" não é errado, tal como discute.

Nota-se que a norma culta exigida em redações escolares se mistura com a escrita da língua que se fala. Vitório (2012) faz um estudo sobre os verbos *ter* e *haver existenciais* na fala do Estado de Alagoas, que mostra a variação *ter/haver* nas sentenças existenciais no estado, "Os dados obtidos não só indicam que há variação

ter e *haver* em contextos existenciais no *corpus* analisado, como também revelam que a frequência do verbo *ter* é bem maior do que a frequência do verbo *haver*". (VITÓRIO, 2012, p. 91).

Como reflexo da fala, observamos nas produções que analisamos uma quantidade maior de uso de *ter existencial* comparado com *haver e* nas quais, também observamos que as produções do sexo feminino conservam mais o uso de *haver existencial,* como mostram os exemplos a seguir:

"***Há*** no filme o desejo..." (PAF3M).
Há também uma crítica ácida à religião." (PAF3M)
"***Há*** verdades que surgem..." (PAF3M).

Já ao observar as produções dos alunos do sexo masculino, conseguimos perceber um confronto entre os usos dos verbos *ter* e *haver*, no qual, também encontramos duas construções com o verbo *existir,* que são os casos abaixo:

"Vivemos em uma sociedade complexa onde ***existe*** vários comportamentos." (PAM3M).
"Alguns não acabam gostando por ***existir*** uma crença diferente." (PAM3M).

No quesito "tempo verbal", entende-se pela norma padrão que o verbo haver pode ser empregado em todas as pessoas ou apenas na 3ª pessoa do singular, que é o caso aqui estudado, no qual, o verbo haver emprega-se como impessoal, isto é, sem o sujeito, quando vem em construções com o sentido de existir. Como conseguimos observar nas produções:

"***Há*** duas vertentes muitos clara que surgem a partir desta ambientação." (PAM3M)
"***Há*** também uma crítica ácida á religião." (PAM3M).

Mesmo a norma padrão não permitindo na escrita o uso do verbo *ter existencial*, e em estudos como em Vitório (2015), confirmando que as pessoas mais escolarizadas tentem a utilizar mais as formas padrão, encontramos o uso de *ter* tanto

nas produções do sexo feminino, quanto nas produções do sexo masculino. São os casos:

"***Tinha*** também o Frank que era uma salsicha..." (PAF3M)
"... Praticamente ***tinha*** receitas de todos os alimentos do mercado." (PAM3M).

As escolas brasileiras preocupam-se em ensinar aos estudantes como devem falar de acordo com a norma padrão. Sem a preocupação da reflexão e do embasamento teórico, perde-se a oportunidade de pensar que a forma como se fala é uma variação da língua e que existe uma língua oficial para a escrita ou para momentos sociais em que esta seja necessária, uma vez que se precisa de formalidade.

Saber identificar que momentos são estes e qual variação se pode utilizar irá provocar reflexões no estudante sobre o modo de agir e pensar em relação à sua fala e escrita e mesmo às variedades linguísticas das quais dispõe, conscientizando-o de que nenhuma variação é melhor ou pior que a outra, mas sim, diferente. Práticas de reflexão e conscientização como essas contribuirão, certamente, para desarraigar de nossas escolas, dos docentes e dos estudantes o preconceito linguístico.

Ao escrever sobre a variável escolaridade, Vitório (2015) mostra que:

> ... essa variável constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando, assim, que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas padrão de uso da língua, o que nos leva à seguinte correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão. (VITÓRIO, 2015, p. 382).

Em nossas análises, conseguimos perceber que há uma competição entre o uso desses verbos, confirmando a hipótese de que mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado ainda há espaço para uma variante inovadora, no caso aqui estudado, a variante *ter existencial.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, é possível perceber que apesar de não ser uma forma aceita pela tradição gramatical, o uso de *ter* em construções existenciais é um fenômeno variável não estigmatizado pela sociedade, nota-se que no que se refere a escrita no âmbito da escolarização deve ser observado para não vir a causar preconceito linguístico e social. Estudos sociolinguísticos mostram que é notória a preferência dos falantes pelo uso de *ter existencial*.

Dessa forma, é salutar que se perceba todas essas modificações para que não haja preconceitos linguísticos contra determinado grupo. Ao analisar os textos da pesquisa, pôde-se perceber que os alunos se dispõem quase que em totalidade do verbo "*TER*" em detrimento do "*HAVER*".

O uso preferencial de *ter*, segundo Silva (2001), também é extensivo à mídia, a órgãos que requerem um estilo mais formal de linguagem e à própria instituição educacional. Tal preferência pode ser explicada não só pelo fato de o verbo *haver* já não fazer mais parte, no português brasileiro, do processo natural de aquisição da linguagem, pois a criança só começaria a adquirir *haver existencial* durante o processo de aprendizagem da língua escrita, como também pelo fato de haver só ser utilizado em situações bastante formais de uso da língua.

Com a análise, confirmamos nossas hipóteses e levantamos outras, foi possível compreender que, mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado e quanto maior o nível de escolaridade maior o uso da variável padrão, na escrita dos alunos do 3º ano do ensino médio da escola E.E.E.B.P. ainda é preferível o uso da variante inovadora *ter*. Em alternativa, apresentamos as seguintes questões: É possível os gramáticos reconhecerem o verbo *ter existencial* como o verbo de prestigio da língua? O verbo *haver existencial* pode ser substituído por *ter* na escrita alagoana?

Com os estudos que já foram e estão sendo realizados, bem como os resultados desse trabalho, esperamos que consigam contribuir com os estudos na sociolinguística. Com tudo, também almejamos colaborar com o entendimento dessas construções verbais, *ter* e *haver* com o sentido existencial na escrita do 3º ano do ensino médio.

Os resultados que encontramos aqui, nos mostra a necessidade de as escolas trabalharem os usos das formas em variação. Nesse sentido, é preciso que a escola

não só reconheça a diversidade linguística, mas também desenvolva no aluno sua capacidade de reflexão sobre a língua e sobre o uso dessa língua, pois dependendo da situação comunicativa teremos diferentes formas de uso da fala e da escrita.

Conforme Calvet (2002), essa postura tenta desenvolver uma atitude não preconceituosa por parte da sociedade e dos professores, gerando no ambiente escolar atividades que levem em consideração a língua falada e a língua escrita, mostrando não só as variações linguísticas que há nessas duas modalidades, mas também evitando uma atitude errônea de que a língua é homogênea e sem variação.

Não se pode falar da escrita sem pensar na fala, sem compreender que a escrita é produto de uma fala socialmente construída e por isto mesmo aceita pela sociedade em geral. As variações vão acontecendo de comunidade para comunidade, de grupos para grupos, as interações entre as pessoas permitem uma fala e uma escrita padrão, que advém das crenças e costumes daquele meio.

REFERÊNCIAS

_____ **Ter e haver existenciais: gramática versus uso***.* Revista Urutágua. Acadêmia Multidisciplinar. DCS/UEM. 2010. Disponivel em: <http: eduem.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/download/7472/5631> Acessado em 05 de Dezembro de 2018.

_____**Ter e haver existências: gramática versus uso**. Revista Urutágua- acade mia multidisciplinar- DCS/UEM- Nº21- maio/junho/julho/agosto 2010. P. 90-98

ALMEIDA, N. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AVELAR, J. & D. CALLOU. 2007. **"Gramática e Variação no Português Brasileiro: Considerações sobre TER~HAVER e DE~EM".** In: Maria Lobo e Antônia Coutinho (org). XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Selecionados. Lisboa: APL/Colibri.

BATISTA, Priscila Guimarães. **Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico.** Priscila Guimarães Batista **-** Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2012. xi, 70 f.

BECHARA, Evanildo, 1928. **Gramática escolar da língua portuguesa/ Evanildo Bechara**. 1. ed. - 6. reimpr. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BRESCANCINI, C. **A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S.** Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALVET, L. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPOY, J; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Granada: Editorial Comares, 2005.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. **Pesquisa quantitativa e qualitativa em sociolinguística: dadaismo metodológico?**. Caderno de Letras da UFF, n. 46, p. 143-156, jan.2013. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/artigo7.pdf >. Acesso em: 26.mar 2019.

CARVALHO, O. **Variação linguística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua**. In: BAGNO, M. Linguística da norma. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa/** Domingos Paschoal Cegalla.- 48. ed. rev.- São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAMBERS, Jack. **Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford: Blackwell, 1995.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p. : 28 cm

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo***.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, CELSO, 1917- 1989. **Nova gramática do português contemporâneo**/ Celso Cunha, Luís F. Lindley Cintra. 5. ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUARTE, E. **O papel da sociolinguística no (re)conhecimento do português brasileiro e suas implicações para o ensino**. *Revista LETRA*, p. 15-10, 2013.

DUARTE E SERRA. **Gramática(s), ensino de português e "adequação linguística".** Maria Eugenia Lammoglia Duarte; Carolina Ribeiro Serra. Matraga, Rio de Janeiro, v.22, n.36, jan/jun. 2015.

FARACO, Carlos Emílio. Moura, Francisco Mato de. Maruxo Jr, José Hamilton. **Nova Gramática***.* Editora Ática S.A. São Paulo. – 2009.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KATO, A. M.; NASCIMENTO, M. **Gramática do português culto falado no Brasil***.* São

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **What can be learned about change in progress from synchrony descriptions**. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Eds.). Variation Omnibus. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1982.

LUCCHESI; Dante; **RIBEIRO**, Ilza. **Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contato entre línguas**. O Português Afro-Brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009

MOLLICA, Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA**,** Jaciane Feitoza de. **Variação dos verbos Ter e Haver em sentenças existenciais no Sertão alagoano.** 2017. 71lf. Trabalho de Conclusão de curso – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

PERINI, Mário A. (Mário Alberto). 1943- **Gramática do português brasileiro**/ Mário A. Perini- São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SACCONI, L. **Nossa gramática: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 2001.

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa***.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência***.* Editora: CopyMarket.com, 2000.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral***.* 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

SILVA, Edila Vianna da. **A pesquisa Sociolinguística: A Teoria da Variação***.* Edila Vianna da Silva. UFF E ABRAFIL. 2017.

SILVA, R. **Variação ter/haver na fala pessoense***.* Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

TARALLO, Fernando. ***A Pesquisa Sociolinguística***. São Paulo: Ática. 1986.

VITÓRIO, Elyne. **Um estudo sobre a variação ter e haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió**. Revista Eletrônica Via Litterae, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan./jun. 2010.

VITÓRIO, Elyne. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?** Tese de Doutorado. PPGLL,UFAL, Maceió, 2012.

VITÓRIO, Elyne. **A Competição Ter, Haver e Existir na Escrita Escola.** SIGNUM: Estudos da Linguagem. Londrina. v.n. 18/1, p. 365-391, jun., 2015.

VOTRE, S. **Relevância da variável escolaridade**. In: MOLLICA, C.; BRAGA, L. (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

APENDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado(a) a apoiar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dos pesquisadores Maria Amélia Lima Queiroz, orientado pela Professora Doutora Fábia Pereira da Silva. A seguir, as informações do TCC com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a observar o uso dos verbos ter e haver na escrita dos alunos do 3º ano do ensino médio.

2. O estudo será feito da seguinte maneira: a observação será por meio de produções textuais escritas pelos alunos.

3. A sua participação será nas seguintes etapas: 1º Aplicar a produção textual para os alunos; 2º Recolher as produções escritas e entregar para um dos pesquisadores.

4. Não haverá incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental.

5. Você será informado(a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

6. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

7. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa e dos seus alunos, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

8. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

Eu IVÂNIA NUNES DE CARVALHO DA SILVA, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Contato de urgência: Sr(a). Maria Amélia Lima Queiroz Endereço: Pov. Campinho / Cidade: Pariconha /CEP: 57.475-000 Telefone: (82) 9 9627-5522 (whatsapp)

Ivânia Nunes de Carvalho da Silva	Maria Amélia Lima Queiroz
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

ANEXOS

6P

data

O filme começa com alimentos em um super mercado pensando que as pessoas que ali compram são deuses e ficam em serem escolhidos por elas e serem levados para suas casas com o pensamento que viverão felizes.

Mas não é bem assim, uma policiana chamada Frank, descobre toda verdade sobre os deuses e tenta convencer todos os alimentos do supermercado que os deuses na verdade são seus inimigos e precisam lutar contra eles.

Eles conseguem fazer que os humanos os enchuguem com vida usando seus de banho derretido aplicados em suas peles. Com a derrota dos humanos tudo fica bem, e derrepente acontece uma grande orgia, independente dos sexos. A uma esfera do prazer, sem preconceitos, e todos se respeitando.

3PF

A festa da Salsicha

O filme é composto por personagens alimentícios em um mercado. Onde eles acreditam que os humanos que vão lá fazer as compras vão (deuses).

No decorrer do filme, é mostrado algumas ideologias. Como por exemplo, a ideologia de gênero e religiosa. Podemos citar o Karkash o pão sarado e o bagel judeu Sammy, que por serem de religiões diferentes, eles se dão muito bem como casal.

A diferença entre indivíduo e sociedade também é retratada, pois cada produto e alimento vão diferentes entre si, e até os que vão da mesma linha, como as salsichas, por exemplo, elas têm tamanhos e formatos diferentes.

Portanto, é um filme em versão de desenho para adultos, pois têm algumas cenas ilícitas que é mostrada com o objetivo de diminuir o preconceito entre os gêneros. Como é ilustrado na cena da orgia, onde todos eles se relacionam com outros, demonstrando os gêneros sexuais, heterossexual, homossexual e bissexual.

5P

O Filme que mostra muito humor mais por não poupa conflitos por ter enseiado no filme, religião política, sexo e drogas.

É um filme que fala a realidade que as frutas os conservantes e alimentos não imaginaria, pensavam que saindo do mercado iria ser as mil maravilhas mais o contrário era uma verdadeira pesadelo.

Então foi preciso um alimento passar por dificuldade ver os seus amigos ser ducorados coisas que eles nunca imaginaram, enquanto outro alimento passou a conhecer o supermercado viveu várias experiências onde viu cenas, horrúveis, escultou outros alimentos e pode ver o lucro que praticamente tinha receitas de todos os alimentos do mercado.

Foi aí que ele conseguiu passa isso pros outros alimentos coisa que muitos não escultaram e foi preciso o seu amigo chega com a praca do que era. Foi para pra explica e mostra que o lugar deles serem felizes era ali no mercado que era o seu verdadeiro paraíso ao contrário de ser comprado e ser comido pelos seres humanos.

www.cadersil.com.br

2PF

/ /

dentro de um supermercado os alimentos que possui vida própria acreditam que os humanos são judeus e serão levados para suas casas onde lá será o paraíso.

um filme cheio de palavrões em que os alimentos descobrem o prazer da sexualidade, exagerado no humor ofensivo que relata sobre religião, política, sexo e drogas.

Frank é uma salsicha que se apaixona pelo um pão a Brenda ele que se perde do pacote com os outros alimentos e começaram a ver o mundo fora do mercado onde surgia analogias claras como a briga entre árabes e judeus conflitos religiosos etc.

Frank a salsicha descobri a verdade e tentar convencer os outros alimentos; E todos juntos tentam destruir os seres humanos e no final conseguiram aí foram sentir o prazer da sexualidade independe de qual seja o gênero.

As ideologias são a diversidade sexual o sexo os personagens gays na história, preconceitos na sociedade entre a bisnaga Brenda e Teresa del taco. A defesa das drogas não propriamente no sentido do vício mais de que elas passam a abrir a mente para as verdades. A animação mostra a reflexão

3P

Festa do Salsicho

Esse filme ele retrata como os dues Para ir na extremidade que estão falando sobre os tres Polegados e os brincadeiro do salsinho e voltando sobre os dues era Para trabalhar. sobre sobreviente e eles estão na gestão do caixa e fala que as lojas que esta fechando entre esse 5 minutos e tambem e os caixa Para Passar o sabahete intimo ele vem falando sobre a esposa mantiga.

Vendeus e arabi ela quer mostrar o Pode de mulher e gastos dos seulos. onde ele Pegar mas parte caiso nos braços e queria ver parte caiso os maldito Salsinho Para se vingar. é eles carre ao carredo de bebidas Para ir Para festa e Para dancar Juntos. ele gostou de clima que foi a mais a agradavel: os batata. e tomate e comendo os crianças os dues estão observando os caixa ao salfinho troca um frank e fica Sozinho. e os Salsicho disse Para os dues qui era mentira que falara Para eles. mantara carla os frutos estão dancando etc.

LIPF

[redacted]

Série: 3º Ano: "C"

A Festa da salsicha

O filme mostra uma vida secreta dos alimentos e produtos de supermercado, em que ali eles não veem um preconceito uns com outros mais sim eles vivem do jeito que querem reunidos a espera de serem comprados e levados para um lar, mas esse lar, eles acreditavam que seria um paraíso, vida nova, acreditavam que os seres humanos eram os deuses. O que eles não sabem é que longe do supermercado os planos deles são bem mais loucos do que imaginam. Mal sabem o que esperam e a crença nos deuses daquele paraíso distante que para eles existe.

A festa da salsicha defende algumas ideologias. Uma delas é a diversidade sexual, onde gays vivendo na história ou da desconstrução de preconceitos na sociedade, presentes em conversa entre Brenda Taco e outros personagens. Há também uma crítica válida à religião, presente no recurso dos

Fênix Cadernos

demais alimentos em adiar a realidade fora do supermercado, por mais dura que seja.

O filme da Galinha quer em alguns momentos chamar atenção para tudo, e fazer com que todo o momento do filme seja engraçado. É um filme para todos só que seu conteúdo liberal pode ser sensível para algumas pessoas. Entretanto para quem tem a mente aberta terá a sua oportunidade de conferir e sim dizer que é um dos filmes, mais divertidos pelos diálogos e brincadeiras.

Fênix Cadernos

2P.

Festa da Salsicha

O filme começo pelo um supermercado um supermercado cheio de alimento etc. São variados salsichas e cada uma tem sua função, a necessidade que eles tem e de chega ao paraiso que todos eles possuem necessidade. O supermercado era bem desenvolvido muito maquinado, todos os compros que logo da cesta cairam e todos ficaram destruidos, tem um alimento que um e judeu e outro e arabe, um realizo soco oral com uma coxinha de suco a força, ouve uma festa, a salsicha pucha uma maconha e ficou daidona. O sabunete estava daido para fazer uma coisinha com os amigos da salsicha, CARK, foi assacinado, o cara muito drogado fez uma comida com o cark e seus amigos ficaram com medo que o cara fosse com eles tambem, para os alimentos os deuses são assacinos e mortais... o cara que tentou mato cark, estava droga doi era o panelo e cark coimachão, o o cara os amigo de cark derubou o cara que tinha um machado espuderado e caiu no seu pescoço e cortou, o cara morreu. As salsichas com seus amigos consegueram vencer os seres human que fizeram a mato eles, eles ficaram todos eligum e foram namora e etc;

SÃO DOMINGOS

TPF

/ /

3°c

A festa da salsicha

O ponto de partida da animação não é nada mau: trata-se de uma grande sátira aos filmes da pixar, mas o brinquedos que possuem fortes sentimentos pelos seus donos os heróis autoconscientes da aventura são alimentos "Presos" em um supermercado.

Dentro do supermercado em questão, os alimentos pensam que as pessoas deuseus.

Eles sonham em serem escolhidos por elas e serem levados para suas casas, onde pensão que viverão felizes, como no paraíso. Mas eles nem suspeitam que serão cortados, ralados, cozidos, e devorados! Quando Frank, descobre a terrível verdade, ele precisa convencer todos os outros alimentos do supermercado lutar contra os humanos.

credeal

10P

3°2

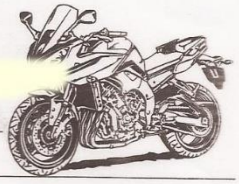
Produzindo um relatório sobre o filme o fusto do salsicha deu o entender que é um filme um pouco pesado e com algumas críticas. O filme conta uma história em que os alimentos são seres vivos e vivem em um grande supermercado e que acreditam nos deuses que no caso são seres humanos, eles acham que humanos vão levar eles um bar e serem livres, mais no caso é totalmente ao contrário. E todos os dias os alimentos fazem uma fuga no supermercado mostrando sua devoção aos deuses (humanos) que explica sua crença nos deuses e naquele paraíso distante. Com isso o Personagem Principal é uma salsicha que se perde ao longo dento com ele varias outras alimentos e começam a questionar em tudo em que eles acreditam assim a salsicha decidiu buscar uma forma de solucionar seu duvido, ao ver o filme pode-mos achar no começo que é um filme divertido, mais ao vermos mais adiante vimos como os criadores do filme mostraram o mun-do mais absurdo de nos mostrarmos o mundo real no supermercado que é vivido pelos alimentos.

O filme que mostra muito humor muito por isso não pode conflitos por ter envolvido no filme: religião, Politico, sexo e drogas.

tilibra

10PF

/ /



Turma: 3º C professora: Ivanio
disciplina: Português

Filme: Festa da Salsicha

Este filme mostra alimentos que pensam que os humanos são deuses, sonham em ser escolhidos e serem levados para casa mas eles nem sabem que não e bem assim pois serão cortados e cozidos.

Esse filme mostra coisas importantes que é mostrado atravez do próprio desenho uma é que as palavras em forma de xigamento e piadas sexual ou preconceituosa dos alimentos, e uma animação voltada para adultos mas nós surpreende pois tem um tom infantil. O mesmo depende algumas ideologias como a diversidade sexual com o uso de personagens gays usando a "Bisnaga Brenda" e Teresa Del Toco". Festa da Salsicha mostra também como o fato de que os homens são mais fortes após matar alguém.

Entretanto o filme não é para todos porque contém cenas inadequadas para algumas pessoas principalmente para quem tem idéias conservadoras pode-se ter que é um filme muito divertido e cheiro de brincadeiras.

Fênix Cadernos

9P

D S T Q Q S S

A Festa das Salsichas

O filme retrata sobre diferença religiosa e não aceitação de convivência uma com a outra. O filme também mostra diversidade de gênero como: hetero, homossexual entre outras. O comportamento no qual os personagens ficam ao descobrirem sobre aquele lhes acreditavam serem seus deuses é de decepção, medo, e raiva suas diferenças começam então a não fazer mais sentido e em fim contribuirem para para um sociedade sem diferenças e preconceitos.

Em fim o filme se retrata mostrando diferenças e preconceitos tanto religiosas quanto sexuais e violentas a suas formas de demonstração e apresentação.

credeal

4PF

D S T Q Q S S

Festa da Salsicha

Num supermercado chamado shopwell, as comidas e demais produtos que lá vivem têm adoração pelos humanos, que vão lá para o grande além. Entre os produtos do supermercado está Frank, uma salsicha que sonha fazer sexo com sua namorada Brenda, um pão de cachorro-quente. Quando ambos forem juntos para o grande além. Franck vive numa embalagem com seus melhores amigos Banf e Carl, que também anseiam pelo grande além.

As embalagens de Frank e Brenda são escolhidas juntas por uma cliente do shopwell, mas a celebração é afetada quando um frasco de mostarda que havia sido comprado mas foi devolvido diz a todos no carinho que o grande além não é o que eles pensam. Antes de cometer suicídio, a mostarda diz a Frank para procurar o aguardente, que supostamente possui conhecimento sobre o grande além, e pode lhe contar a verdade. O suicídio da mostarda cria uma colisão com outro carinho, o que faz com que diversos produtos caiam no chão: Frank, Brenda um lavash chamado Karlem, um bagel chamado Samuel e o agressivo chuca, a ducha. O tubo de chuca é danificado na queda, e ele culpa Frank. Quando chuca é descartado por darem um funcionário do supermercado ele escapa do latão de lixo e luta vingança.

SÃO DOMINGOS

1P

/ /

[redacted] Série: 3°C

Vivemos em uma sociedade complexa, onde existe vários comportamentos, um desses comportamentos é o medo, todos vivem isso como problema que consiste em temer o mundo, a confiança pode ser perdido no decorrer do tempo, virando um veneno em meio de tanto problema sociais.

O ser se torna uma característica que distingue o ser humano, ela permite a possibilidade de cada indivíduo uma consciência de praticar ou escolher fatores que desenvolvem sua vida sob a influência de costumes estabelecidos na sociedade em que vive, podendo abalar essa relação pessoal.

A religião com fato que a sociedade tem a capacidade de mostrar que o mundo esta dividido pelas suas crenças alguns não acabam gostando por existir uma crença diferente, com tudo abrangem um conjunto de conceitos, valores e atitudes que modulam uma comunidade. Assim o indivíduo vive sob a influencia de diversas religiões, e não só de uma.

Os seres humanos buscam compreender o fundamentação das normas e interdições (proibições) proprio a todo um e explicitar seus pressipostos, isto é, tendo como base os valores proprios a uma comunidade ou cultura.

The Simpsons TM & © 2016 Fox

tilibra

P F

Turma: 3º C

/ /

A festa da salsicha

No filme, os alimentos acham que as pessoas são deuses, que depois de serem comprados e retirados do mercado. vão ter a mesma vida que a do mercado, mais infelizmente eles acabam sendo mortos, sendo usados para as pessoas se alimentarem, os mesmos que eles chamam de deuses.

No meio do filme, chega uma mulher que faz compras e bastante alimentos vai junto; contando também com seu produto de higiene, depois acontece uma confusão, que a maioria das coisas cai no chão e quebram.

Muitos deles morreram, outros se separaram. A mulher ao chegar em sua casa, já foi logo preparando os alimentos para cozinhar as salsichas e outros alimentos que vinham juntos, uma das salsichas acabou sendo morta a outra fugiu com medo da cena que tinha ocorrido na sua frente, a que fugiu acabou caindo da janela onde encontrou um homem na rua e foi parar na casa dele, o homem se drogava e achava que os alimentos falaram, acabou dormindo, quan-

do cacordou foi cozinhar a salsicha para comer, mais ele quem foi morto.

Depois de tanto estrago, uma das salsichas rasgou a folha de um livro de receita onde tinha muitos alimentos sendo devorados, tentou avisar aos demais só que eles acharam que era mentira não acreditaram nele.

Mais depois todos começaram a se disesperar porque a outra salsicha junto de outros chegaram com a cabeça do homem que eles tinham matado, se reuniram todos e arranjaram um jeito de combater as pessoas para não matar eles.

O filme também fala sobre as questões de genero e da sexualidade, mostrando a complexidade e a diversidade seja na expressão corporal, seja nos hábitos ou nos gostos.

118

data

FESTA DA SALSICHA

3°C

Começa com os alimentos tudo alegre pois para serem escolhido pelo os deuses segundo eles - para serem levados ao paraiso ou seja O que há além da porta de entra do estabelecimento. que os alimentos não tem a menor ideia do que os espera a morte Certa, seja cortado, rolado, picotado, ou triturado

Há duas vertentes muitos Claro que surgem a partir desta ambientação. A primeira escancardamente boca suja, colaca um sem numero de xingamentos e piadas de cunho sexual. ou preconceito na boca dos proprios alimentos. O proprio desenho e a escolha dos personagens também leva isto em consideração buscando a imediata associação visual com os órgãos sexual musculino e femenino. por mais que se saiba desde o inicio que festa da salsicha seja uma animação voltada para maiores, tal opção surpreende não apenas pelo contraste inevitavel com o tom infantil que boa parte das animações costuma ter, mas também pelo inusitado de certos falas, sem qualquer pudor. Só que, por outros lado tal insistencia cansa. É como se fosse uma piada insestentemente repetida, que até provoca risos de inicio mas, aos poucos, demonstra Osgotamento.

Da mesma forma, festa salsicha defende com unhas e dentes alguns ideologias umas delas

e a diversidade algumas ato sexual seja atra
ves da existencia de personagens gqs relevan
tes na historia ou da descontrucaõ de preconce-
itos arraigados na sociedade presentes especi
almente na conversa. Do mesmo a animacaõ
assume a defesa dos abragos, naõ propriamen
te no sentido do vicio mas de que elas pass
am abrio a mente para verdade ocultas.
tal associacaõ inclusive resulta na grave
resulta na grande verada do rateiro, que
faz com que o filme recupere o fôlego após
um certo cansaço, o a diante de tantas ofen
sas gratuitas
por filme por outro lado, festa da salsicha
naõ e um filme para todos. seu conteudo libe
ral pode soar ofensivo para algumas pessoas
especialmente aquelas que carreguem consi
go ideias mais conservadores.

FIM!!!

8PF

/ /

= 3º "C"

A festa da Salsicha

A festa da salsicha é um relato de um filme com cenas muito violentas agressões, preconceitos, religiões, disrespeito e estrupo.

Pois eles confiava muito em uns deuses que era seres humanos, porém achavam que as pessoas iam levar eles para um paraiso, mais foi bem diferente, Barry era uma salsicha bem pequena por ser assim sofria preconceito, tinha também também o Frank ele era uma salsicha bem corajoso que enfretou vários perigos para viver ao lado do seu amor.

Seu amor se chamava Brenda um pão bem generoso, mas era bem odiada pela uma ducha que acabou virando o vilão da história, atráves de uma pessoa que foi fazer as compras e sem querer provocou um acidente e a ducha acabou sendo eliminada nas compras de tanta raiva acabou estrupondo uma caixa de suco para

poder sobreviver.

Em fim descobriram que as pessoas não eram deuses nenhum, mais sim seus maiores inimigos então houve uma grande guerra entre os produtos domestivel as pessoas, ficaram confiante achando que poderia derrotar os seres humanos, porque eles tinham tomando um um líquido aonde podiam ~~ser~~ enxergar os produtos e começou uma grande guerra.

Depois da guerra veio a festa onde comemoraram a vitória mais antes disso tomben um pastel que se apaixonou pelo pão mais ela não quis.

Então acima de tudo teve tombém um grande conhecimento porque eles aprenderam que não existiam deuses e sim inimigos para destruir as suas vidas.

4P

[redacted] Turma: 3°C

O filme mostra sobre diferença religiosa e exclusão de convivência uma com a outra. O filme também mostra diversidade de gênero como hetero, homossexual etc. O comportamento no qual os personagens ficam ao descobrirem sobre aqueles que acreditavam serem seus deuses e de decepção, medo, raiva sendo as diferenças começam então a não fazer mais sentido e em fim contribuirem para uma sociedade sem diferenças sobre tudo tanto violências sexuais, abuzos.

Então foi preciso um alimento passar por dificuldade ver seus amigos ser devorados coisas que eles nunca imaginaram, enquanto outro alimento passa a conhecer o supermercado viveu várias experiências onde viu amor, maravilhas, escutou outros alimentos e pode ver o lucro que praticamente tinha receitas de todos os alimentos do mercado.

6PF

A Festa da Salsicha

O Filme mostra a aventura de alimentos "presos" em um supermercado. Dentro do supermercado, os alimentos pensam que as pessoas são Deuses. Eles sonham em serem levados para suas casas

Onde pensam que viverão felizes. Como no paraíso mas eles nem suspeitam que serão cortados, ralados, cozido e devorados!

Frank, uma salsicha descobre a terrível verdade, Ele precisa convencer os outros alimentos do supermercado luta contra os humanos.

O Filme é uma comédia provocativa sobre o consumo, com algumas piadas envolvendo sexo.

© ABRIL COMUNICAÇÕES S.A.

LOVE ME
tilibra

8P

D S T Q Q S S

A festa da salsicha

O filme mostra um mundo onde os alimentos são seres vivos que vivem nos supermercados a espera de serem comprados e levados para um lar. Para eles, depois da porta automatica ha um paraisso onde os deuses (os humanos) levarão aqueles seres para um lar em um lugar melhor, achando que é uma vida plena. O que eles não sabém é que longe dos supermercados os planos para os alimentos são bem mais cruéis. um dos alimentos chamado de longa começa com o supermercado inteiro fazendo um numero musical que esta explicando sua religião e o crença nos deuses naquele paraisso distante. o longa elege como heroi, uma salsicha que se perdeu do pacote com alguns outros alimentos, e começou a questionar tudo que eles acreditam.

.. A prateleira de molho, molho e etc. são representados como se fossem a chinatown do local; o setor de bebidas que vivem numa constante "rave" e a prateleira dos mortadas, de origem alema. que transformam o mito contando. Eles tambem fazem Piadas com conflito etnicos religião, politica, sexo e drogas;

.. Em alguns momentos parece que a festa da salsicha, parece querer chamar atenção para tudo, e fazer com que todo o momento do filme seja engracado.

... cada alimento morto é como se, fosse uma perda gigantesca, e por esse exagero que esta a graça.

.. O filme constroi momentos bem interessantes. O salsicha cervi foi quem descobriu toda a verdade sobre o paraiso depois da porta.

9PF

3º "C"

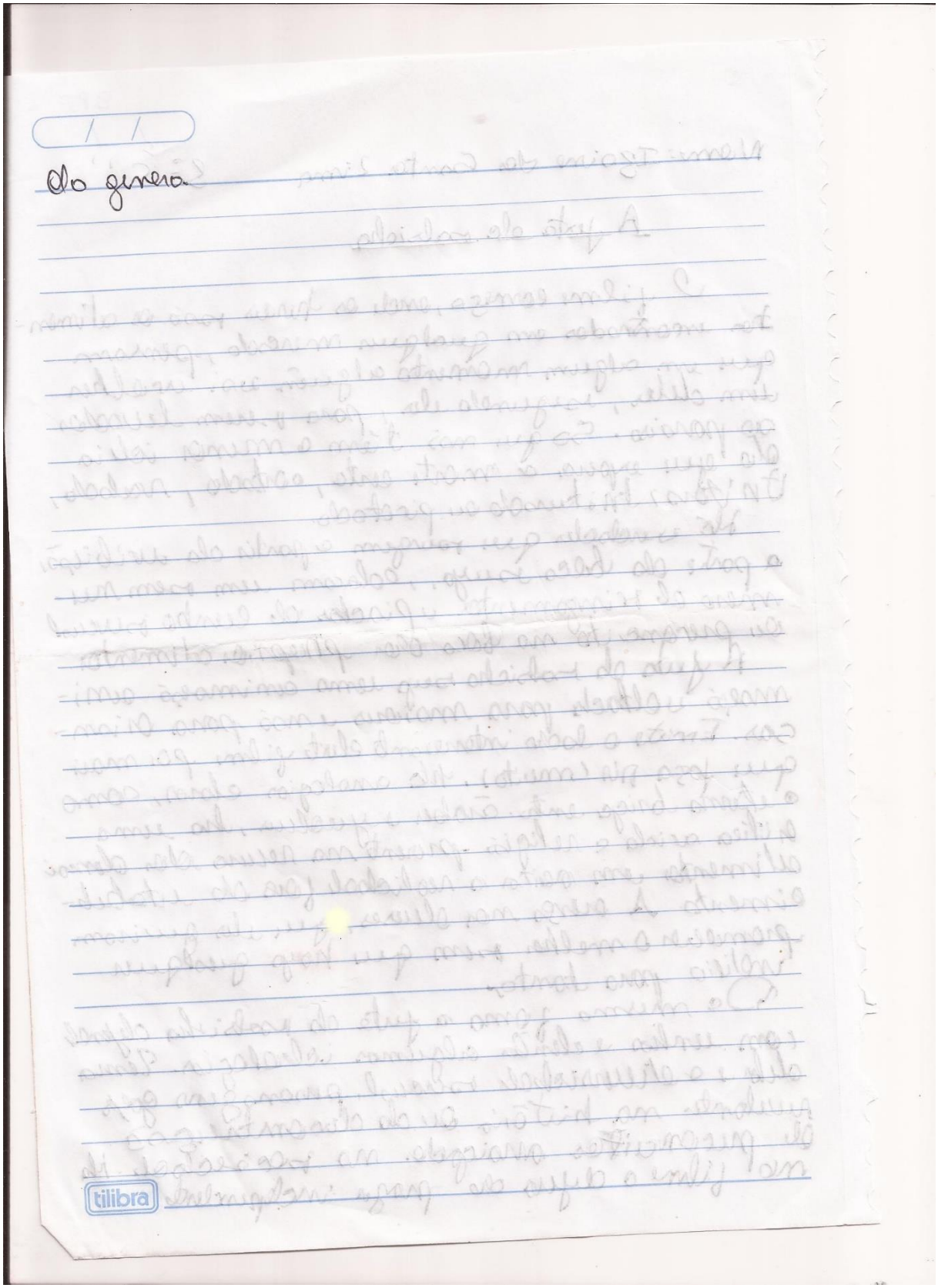
A festa da salsicha

O filme começa, onde os heróis são os alimentos encontrados em qualquer mercado, pensam que em algum momento alguém vai escolher um deles, segundo eles, para serem levados ao paraíso. Só que não têm a menor ideia do que espera a morte certa, cortado, rabado, tritoro, triturado ou picotado.

Há verdades que surgem a partir da exibição, a parte da boca suya, colocam um sem número de xingamentos e piadas de cunho sexual ou preconceito na boca dos próprios alimentos.

A festa da salsicha seja uma animação animação voltada para maiores e não para crianças. Evite o lado interessante deste filme por mais que faça rir (muito). Há analogias claras, como a eterna briga entre árabes e judeus, há uma crítica ácida e religião presente na recusa dos demais alimentos em aceitar a realidade fora do estabelecimento. A crença nos deuses, que eles queiram promover o melhor sem que haja qualquer indício para tanto.

Da mesma forma a festa da salsicha defende com unhas e dentes algumas ideologias. Uma delas é a diversidade sexual, personagens gays revelantes na história ou da desconstrução de preconceitos arraigados na sociedade. Há no filme a defesa do prazer independente


/ /
do genero
tilibra

7P

05/12/18

"3ª E"

A Festa da Salsicha Relatório

Retratar uma sociedade consumidor, orientação sexual, religião e etnias, também conflitos entre essas etnias, é algo que não temos visto muito em filmes, mas no filme "A festa da salsicha" vemos vários ângulos desses assuntos, além de ser abordado a questão da inclusão entre si.

No filme é retratado, os assuntos sobre os conflitos entre culturas de outros países, mostrando como isso é abordado na vida. Mostra o preconceito vindo de muitos que vê uma diferença do que eles chamam de normais, como no caso da salsicha pequena o Barry, que menor que os outros e sofreu preconceito por causa do tamanho.

Há questões de estupro e agressão é bem representado no filme, com a deusha que comentei vários atos de agressão e também estupro em vários alimentos para obter os líquidos deles e assim matando eles depois do ato. É esporte o costume dos consumidores comprar muitos Produtos, e revela que durante uma temporada de um dia comemorativo é o tempo em que as pessoas compram mais e quais são os suas preferencias para esses dias.

Embora cada ser humano tenha a sua religião e que tem que ser respeitada, é manifestado que é algo que vai ser interrupida pelo os outros que não acredita na religião do próximo, no caso eles acreditam nos Consumidores, que para eles são deuses, mas uma salsicha procura a resposta e sabe mais

05/12/18

sobre os deuses, e é daí que ele discorre a coisas mais terríveis que ocorrem com os produtos, mas como esperando eles não acreditaram; a sabrina vê que não é preciso ter em algo para crer, e respeita as crenças.

Contudo é expresso muito a questão da sexualidade, como no caso do taco que gostava da pão, e no final à mostra de mistura dos gêneros sem preconceito. No entanto, bem no fim do filme ocorre a quebra da quarta parede, com isso os personagens falam sobre as pessoas que estavam assistindo filme e também o seus dubladores, em seguida eles vão para outra dimensão.

Além disso é visto a questão de drogas e festa entre eles, onde ocorrem o consumo de bebidas alcoólicas, ingestão de drogas, o assédio e machismo vindo na festa. Embora, todos tenha tentando mostra a versão deles ainda continuou como antes, mas agora todos incluídos.

Em fim, perante até esses assuntos do filme, é muito discutível, algo desse tipo é bom ser discutido com a classe, só assim terem realmente a consciência sobre determinado assunto, e a indução de jovens sobre algo é bastante difícil. Por favor, acabe com esse preconceito, isso é ridículo, e sobre que alguém que estuda com você, é terrível. Deixe o amor florescer, só assim venceremos os barreiras que nos bloqueia.

tilibra

SPF

[redacted] série: 3ºC

Festa da salsicha

Dentro de um supermercado, os alimentos pensam que as pessoas são deuses. Eles sonham em serem escolhidos por elas e serem levados para suas casas, onde pensam que viverão felizes. Mas eles nem suspeitam que serão cortados, roídos, cozidos e devorados! Quando Frank, uma salsicha, descobre a terrível verdade, ele precisa convencer os outros alimentos do supermercado e fazer com que eles lutem contra os humanos.

Frank uma salsicha que convive bem com seus amigos entre eles Barry que sofre bullying por ter um tamanho menor do que os outros salsichas. O pacote de salsichas do qual Frank, Barry e outros acabam sendo comprados, mas um acidente acaba fazendo com que Frank acabe se separando do carrinho de compras.

Além dele Brenda, um pão de cachorro quente feminino também se separa de seus companheiros. Na tentativa de voltar para seus proprietários a dupla que sempre tem uma grande tensão sexual, conhece

outros departamentos, outros comidos e descobre a verdade sobre seus deuses.

Ao mesmo tempo, Barry passa por maus bocados quando vê o que os humanos realmente querem fazer com os alimentos a fim de impedir o possível para escapar de um trágico destino.